

# A sociologia vira realidade

**B**RASILIA — No jantar de domingo à noite no Itamaraty, eu vi a "burguesia nacional", o "aparelho ideológico do Estado", ou, para usar a sucinta e feliz expressão de Raymundo Faoro, "os donos do poder". Pela primeira vez na minha vida, consegui visualizar os conceitos que tanto pastei para entender durante anos na faculdade. Estavam aí na minha frente no formato dos milhares de convidados que foram prestigiar a posse de FH. O que era apenas abstração — marxistas ou não — muito em voga nas universidades brasileiras em décadas passadas ficou tangível de repente. Parecia que o brilhante professor Fernando Henrique Cardoso, que manipulava tais conceitos sociológicos como ninguém, conseguira materializar uma aula sua. Brasília, de fato, é um lugar estranho, repleto de miragens e imagens fugazes.

Para se ter uma idéia, cruzei com Antônio Emírio de Moraes, Roberto Marinho, Antônio Carlos Magalhães, Pedro Malan, o meu amigo (quem diria?) Henrique Hargreaves, Sergio Motta etc., e pôe etc. nisso. A renda média do prédio era altíssima, apesar da minha presença. O poder político nunca estivera tão concentrado. A elite intelectual compareceu em peso. Sem falar dos artistas. Só com os diretores, roteiristas e atores presentes, daria para rodar vários filmes longa-metragem e ressuscitar de vez o cinema nacional.

A festa foi bonita, pá, como diria Mário Prata. Se é verdade que a modernização do País depende de alguma espécie de entendimento entre as elites, estamos no caminho certo.

Das mesas do Palácio do Rio Branco, a vista era a mais pura Brasília. Fora, as águas, retas e curvas de Niemeyer, iluminadas por luzes spot, de cinema. Dentro, o burburinho das conversas dos convidados, um tanto quanto ridículos nos seus smokings e vestidos longos, era acompanhado por diversos conjuntos e orquestras. No segundo andar, um pequeno conjunto tocava versões instrumentais de standards que iam de Glenn Miller a Antônio

Carlos Jobim. O clima: JK. Sentia-se o espírito do fundador da cidade no Palácio do Rio Branco. Estava presente e gostando da festa.

Aí entrou Fernando Henrique, acompanhado de Ruth. Os aplausos do primeiro andar deram o aviso para o segundo, onde boa parte do público correu até o balcão para ver o casal presidencial subir as escadarias. Na medida que foi chegando, o público começou a apertar o casal, louco para cumprimentar — ou simplesmente tocar — o presidente e a primeira-dama. Parecia a chegada dos Beatles ou da Madonna. Não combinava com o ambiente. A elite estava tratando seus ídolos da mesma forma que os populares tratam os seus.

Não sei se estava programado ou não, mas o presidente executou uma retirada estratégica por uma

## Parecia a chegada dos Beatles. A elite tratando seus ídolos como os populares tratam os seus

porta à sua esquerda para ressurgir do outro lado do salão, próximo à orquestra no segundo andar. Um truque de teatro. Veio vindo com Ruth e Marco Maciel e, mais uma vez, teve a recepção de um superstar. Nave-

gava tranqüilo entre a multidão, distribuindo abraços e apertos de mão. Ruth, quebrando o protocolo, beijava velhos amigos.

Ao chegar no fim de uma fileira de mesas, Fernando Henrique fez questão de cortar o fluxo da multidão para alcançar uma mesa onde estavam os antigos colegas do Cebrap, o centro de estudos fundado pelo presidente antes de entrar na política. Estavam lá os velhos colegas da militância intelectual, como Elza Berquot e José Arthur Gianotti. Neste momento, os abraços e beijos, sinceros e carinhosos, praticamente substituíram os apertos de mão. A orquestra, juro, começou a tocar *As Time Goes By* (como o tempo passa). A Escola Paulista de Sociologia, que trouxe a análise dos problemas sociais do País para a universidade, quase quatro décadas atrás, estava assumindo o comando da nação. Quando o presidente deixou a mesa dos velhos amigos intelectuais, a orquestra já estava tocando *Sampa* de Caetano Veloso. Encerrava uma etapa da história do Brasil. A próxima promete.